

TERESINHA

Rubem Braga

No meio da noite comum de jornal um rapaz da redação perguntou-me: — Quinze anos — é menino ou senhorita?

Estava redigindo uma nota social e me propunha esse problema simples.

— Senhorita.

Ele ficou meio em duvida e eu argumentei:

— Põe senhorita. Mocinha assim de quinze anos fica toda contente quando o jornal chama de senhorita...

Mas ele explicou:

— Essa, coitada, não vai ficar ortente... É um falecimento...

E pós "senhorita". — Continuou a noite comum de jornal. Nem sei explicar porque pensei nisso no meu caminho de sempre, depois do trabalho, na rua vazia, de madrugada. Menina ou senhorita? Senti de repente uma pena gratuita daquela mocinha que morrera. Nem me dera o trabalho de perguntar o seu nome. Entretanto ali estava comovido... Oh! Senhor, o Diabo carregue as meninas e senhoritas, e que elas morram aos quinze anos, se julgarem conveniente! Pensei vagamente assim, mas a lembrança daquele dialogo perdido na rotina do serviço da redação insistia em me comover. Senti simpatia pelo meu companheiro de trabalho por causa de sua expressão:

— "Essa coitada..."

Bom sujeito, o Luiz. E fiquei imaginando que no dia seguinte poderia ler no jornal o nome da mocinha e de seus pais. E que talvez um dia, por acaso, eu conhecesse seus pais. Ele seria um senhor de uns quarenta e cinco anos, moreno, bigodes mal cuidados, a cara magra, os cabelos grisalhos. Ela seria uma senhora de quarenta

e um, ou talvez de trinta e oito anos, vagamente loura, os olhos parados, a cara triste, talvez um pouco gorda, de luto, muito religiosa, meio epirita depois da morte da filha. E então eu lhes contaria que me lembrava dessa morte, e contaria a conversa da redação — me tendo talvez um pouco, inventando talvez uma conversa mais comovida para ser delicado. E ele chamaria a ou trã irmã, uma garota de seis ou sete anos, os olhos claros, e lhe diriam que fosse lá dentro buscar os retratos de Teresinha — poderia ser esse o nome da filha morta. E viriam dois retratos: um aos treze anos, na janela da casa, rindo; outro aos nove anos, com a irmãzinha ao lado muito sério. E então a mãe diria que só tinha aqueles dois retratos — que pena! — e que gostava mais daquele dos nove anos:

— Não é Alfredo? Está mais com o jeitinho dela...

O sr. Alfredo concordaria mudamente e eu me sentiria abastante inútil, sem saber o que dizer, e iria embora. E talvez, depois que eu saísse, a mulher dissesse ao marido:

— Parece ser boa pessoa.

E isso não teria importância nenhuma, nem me faria melhor nem pior do que sou. E nada disso acontecerá. Mas pensei em tudo isso, andando na rua deserta e subindo as escadas para o meu quarto. E hoje, depois de tanto tempo, senti vontade de dizer isso, sem nenhuma esperança de que o sr. Alfredo me leia.

Val ver até que a mocinha era orfã de pai. Val ver que a mocinha era doente, talvez aleijada de nascença, e que sua morte foi, no dizer de sua própria mãe, "um descanso, coitada, para ela e para os outros". Oh, o Diabo carregue as meninas e senhoritas, e que elas morram, morram, às dúzias, as grossas, aos milhões! Morram todas as pálidas Teresinhas, morram, morram, e não me amolem, pelo amor de Deus!

Teresinha... Porque inventei para a moça esse nome? Agora eu a vejo nitidamente e, não sei porque, a imagino uns vinte e três dias antes de morrer, magrinha, os olhos claros, os cabelos castanhos claros, vestida de preto, como se estivesse de luto antecipado por si mesma. Seus lábios são pálidos e os dentes de cima um pouco salientes deixam a boca sentiberta, e ela tem um ar tímido dentro de seu vestido preto, com meias de seda preta, sapatos pretos, um ar tímido de quem estivesse pedindo esmolas, a esmola de viver.

Teresinha... Reparo em seus sapatos pretos de salto alto, (sapatos de moça, de senhorita, não de menina) e imagino que eles foram comprados pela mãe que primeiro levou outro par que não servia, que estava apertando um pouco, e depois foi na loja trocar. E tudo isso me comove, essa simples historia dos sapatos de Teresinha, desses sapatos com que ela foi enterrada. Pobres sapatos, pobre Teresinha. Pensemos em outra coisa.

7.8.51

For
publicado
em livro

Set 1939

DN-4.1.1948

1948

CM 7.8.51

495